



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

ENTRE TIROS E CADERNOS:

Impacto das operações policiais no desempenho escolar de jovens em áreas de violência armada no Rio de Janeiro.

BETWEEN SHOTS AND NOTEBOOKS:

Impact of police operations on the academic performance of young people in areas of armed violence in Rio de Janeiro.

Ana Beatriz Silveira Peixoto

Eixo Temático: EIXO 1- Políticas públicas, infância, adolescência e juventude

Introdução

A realidade hoje das favelas do Rio de Janeiro é marcada por uma presença constante da violência armada, muitas vezes legitimada pelo discurso da guerra às drogas e controle de território. Nesse contexto, as operações policiais se tornaram parte do cotidiano de milhares de moradores, afetando diretamente o direito à educação de crianças e adolescentes. Este projeto de pesquisa busca compreender como essas ações do Estado impactam o desempenho escolar de jovens que vivem e estudam em territórios vulneráveis marcados pela violência armada, onde o som dos tiros interrompe não apenas as aulas, mas também os sonhos. A partir de uma abordagem qualitativa, com base em entrevistas com docentes da rede pública e análise de dados secundários, o estudo pretende revelar



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

como a violência institucionalizada afeta o cotidiano escolar, as práticas pedagógicas e as perspectivas de futuro desses jovens. A pesquisa se baseia em relatórios como *Educação Sob Cerco* (GENI/UFF, 2025) e *Tiros no Futuro* (CESeC, 2022), além de contribuições teóricas de autores como Pierre Bourdieu e Jean Passeron (2022), Robert Lee Segal(2019) e Maria Helena Patto(1992), que ajudam a compreender como a desigualdade social, racial e territorial se manifesta dentro da escola.

Desenvolvimento

O modelo de segurança pública vigente no Rio de Janeiro, baseado em operações armadas recorrentes, transformou a presença do Estado em uma ameaça para moradores de comunidades. Jovens que vivem nesses territórios enfrentam uma rotina marcada por tiroteios, interrupções de serviços básicos e medo constante. Como aponta Mariana Cavalcanti (2008), esses moradores desenvolvem estratégias de sobrevivência para manter alguma normalidade em meio ao caos. A pesquisa *Tiros no Futuro* (CESeC, 2022) revela que 74% das escolas do Rio presenciaram ao menos um tiroteio em 2019, e que alunos expostos a seis ou mais confrontos tiveram perdas significativas de aprendizado: até 64% em português e matemática. Além disso, o relatório *Educação Sob Cerco* (GENI/UFF, 2025) mostra que 60% das escolas em áreas de risco tiveram aulas interrompidas por conta de confrontos, com altos índices de evasão e reprovação escolar. Esses dados revelam que a violência armada, longe de ser um fenômeno isolado, é um fator estrutural que compromete o direito à educação e o futuro de milhares de jovens.

A teoria de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (2022) é fundamental para entender como a escola, mesmo sem intenção, reproduz desigualdades sociais. Ao operar sob uma lógica meritocrática, a escola tende a ignorar as diferenças de origem social e cultural dos alunos. Jovens em situação de vulnerabilidade chegam à escola sem o “capital cultural” valorizado pela instituição – ou seja, sem os conhecimentos, hábitos e experiências que facilitam o sucesso escolar –. Quando somamos a isso os efeitos da violência armada – como o medo, a instabilidade emocional e a interrupção das aulas – o desempenho escolar desses jovens é ainda mais comprometido. Robert Segal (2019) reforça essa análise ao mostrar como a presença das UPPs não foi suficiente para romper as “fronteiras invisíveis” que separam favelas e escolas. Famílias evitam matricular seus filhos em escolas localizadas em áreas



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

dominadas por facções rivais, criando uma “cultura da evitação” e um “ethos guerreiro” que molda a forma como os jovens se relacionam com o espaço escolar. Já Maria Helena Patto (1992) destaca que o fracasso escolar de jovens pobres não é resultado de incapacidade, mas sim de um sistema que desconsidera os desafios enfrentados por esses alunos, culpando-os por obstáculos que são estruturais.

A metodologia da pesquisa combina entrevistas semiestruturadas com docentes da rede pública que atuam em áreas de risco e um questionário online com estudantes, para captar suas percepções sobre o impacto da violência em sua vida escolar. Além disso, serão solicitados dados oficiais via Lei de Acesso à Informação (LAI) para complementar a análise com indicadores objetivos, como número de dias letivos perdidos, desempenho em avaliações (SAEB, Prova Brasil) e frequência escolar. Essa triangulação metodológica visa construir um panorama mais completo e sensível sobre como a violência armada afeta o cotidiano escolar e as perspectivas de futuro desses jovens.

Considerações finais

A violência armada nas favelas do Rio de Janeiro não é apenas uma questão de segurança pública, mas também uma questão educacional, social e racial. As operações policiais, ao interromperem o cotidiano escolar, afetam diretamente o direito à educação de milhares de jovens, aprofundando desigualdades históricas. Esses jovens, em sua maioria negros e moradores de periferia, enfrentam obstáculos que vão muito além da sala de aula: medo, luto, estigmatização e falta de perspectiva. A escola, nesse contexto, precisa ser pensada não apenas como espaço de ensino, mas como espaço de acolhimento e proteção. Compreender como a violência impacta o desempenho escolar é um passo essencial para garantir que o direito à educação seja, de fato, um direito para todos como é garantido pelo art.53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

Este projeto busca dar visibilidade a essas experiências e contribuir para o debate sobre políticas públicas que articulem segurança e educação de forma mais justa e eficaz. Ao destacar as falhas da atual política de segurança e suas consequências práticas no direito à educação, a pesquisa propõe



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

uma reflexão sobre a responsabilidade do poder público na perpetuação – ou superação – das desigualdades presentes no cotidiano dessas escolas. A análise das ações judiciais, como a ADPF 635, também será fundamental para entender se há caminhos possíveis para mitigar os impactos da violência e proteger os direitos educacionais desses jovens.

Referências bibliográficas

BOLETIM, Redes da Maré. **Direito à segurança pública na Maré**; edição especial de olho na ADPF 635. dados de 2024.

Cavalcanti, Mariana. **Tiroteios, legibilidade e espaço urbano: Notas etnográficas de uma favela carioca**. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. 2008.

Grupos dos Novos Ilegalismo (GENI/UFF); Instituto Fogo Cruzado (IFC) ; Centro de Estudos sobre Riqueza e Estratificação Social (CERES/IESP); Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Relatório Final. **Educação Sob Cerco: Escolas do Grande Rio impactadas pela violência**. 2025.

HIRATA, DANIEL; SANTOS, S. R. ; GRILLO, C. C. ; MORAES, C. B. ; DIRK, R. ; MALANQUINI, L. . **Impactos de ações Judiciais na preservação de vidas negras nas Favelas**: acp da maré e adpF das Favelas. Boletim de Análise Político-Institucional, v. 26, p. 21, 2021.

LEMGRUBER, Julita. **Tiros no futuro: Impactos da guerra às drogas na rede municipal de educação do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CESeC, 2022.

NERI, Natasha Elbas. **“Tirando a cadeia dimenor”**: A experiência da internação e as narrativas de jovens em conflito com a lei no Rio de Janeiro. **Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS**, 2009.

Pereira Leite, Márcia .**Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”**: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Segurança Pública. 2012